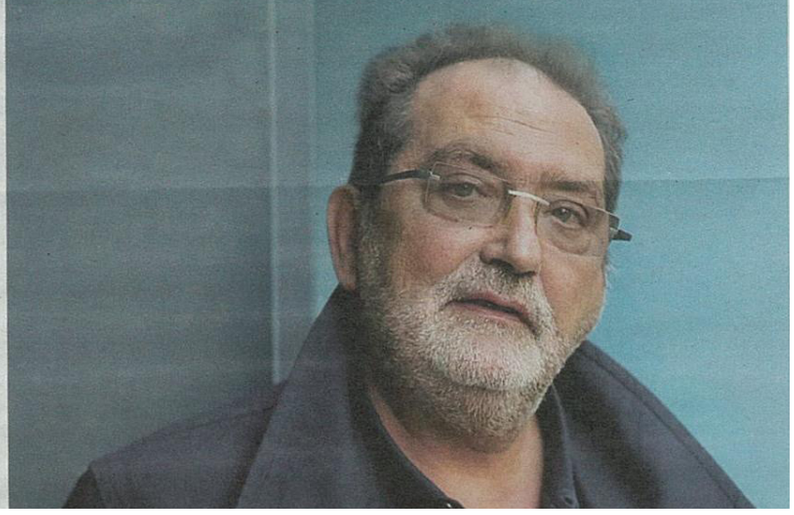
Expresso

8 de Dezembro de 2012

Agora sou a criatura que prepara as asas para o voo
sou o chefe da estação que se esqueceu de apitar
sou a beata que falhou na missa
aparentemente o barro solto num jardim
perdido perdido
na imensidade das mãos
das curvas e dos sons das névoas que elas traçam
Sim hoje amor a tarde ou a manhã de nunca
hoje as balas o sangue a confusão
decisivas horas que se arrastam sem cor
e cerram-se janelas pombas de luto vermelho
Agora a partida com aviões silenciosos
aéreos e possíveis os desejos
a dança a enxada
o campo juncado de berros oceânicos
as trevas a noite grandes infindáveis
e na sombra das casas
a luz brilha
e a esperança nasce
no grito do miúdo da quinta geração de estátuas
nas asas do primeiro antiporteiro
Agora hoje choro sinto
o canto sobe
e há arestas quebradas
montras sem vidros
e bolos agora há bolos pão
a fome saciada
sou como um café
de muitos agrupados muitos de comboio e sempre direitos
Na metamorfose fatal o grito assoma
a criança rompe a dieta o leito
e pela primeira vez
é um chefe de estações esquecido
uma beata revoltada

Joaquim Benite (1943-2012), 'Primeiro poema para a manhã', Arquivo histórico de imprensa do jornalista Pedro Foyos. Quando andava pelos vinte anos, queria ser poeta. Mas a censura cortou cerce esse sonho, proibindo a publicação dos seus poemas, como é o caso deste. Perdeu-se um poeta, ganhou-se um grande encenador e um dos maiores construtores do teatro português.